

Exma. Presidente, Dra. Rita Cortez, em nome de quem peço a licença para saudar as demais autoridades presentes;

Exma. Diretora da Biblioteca, presidente da Comissão de Criminologia, advogada Marcia Dinis, em nome de quem saúdo as advogadas e advogados do IAB e os demais membros da Comissão

Dra. Marcia Semer, minha esposa e companheira, em nome de quem saúdo os familiares e amigos aqui presentes

Colegas ora empossandos.

Quero iniciar essas brevíssimas palavras dando conta do orgulho e da enorme satisfação pelo convite para o ingresso nesta prestigiosa entidade -e aqui, tenho a certeza, falo por todos os ora empossandos.

O Instituto dos Advogados Brasileiros, mais antiga e tradicional das associações do meio jurídico, mas que ao mesmo tempo mantém seu vigor, seu engajamento e sua militância em prol da democracia e da consolidação das instituições, é um porto seguro para todos nós que compartilhamos de idênticas preocupações e compromissos -ademais, a capacidade de abrigar aos “estrangeiros”, que não fazem parte da nobre classe dos advogados, é um sinal da generosidade imensa da instituição.

Filiar-se é um ato duplo de compromisso e acolhimento; de convocação e atitude; de afinidades e projetos. A associação é um ato de encontro. De vontades que se circundam; de objetivos que se aproximam, de vínculos que se fortalecem. Enfim, a reunião daqueles que de há muito deveriam estar juntos.

E o momento é mesmo o de juntar-se.

Nas horas difíceis, os laços de solidariedade e os esforços comuns de luta se mostram mais necessários. E na sinuca institucional na qual nos encontramos hoje, tornam-se absolutamente imprescindíveis. O futuro tem se mostrado uma incógnita; o passado nos assombra com uma frequência cada vez maior e é preciso manter viva a memória de tempos mal insepultos. Afinal, como dizia Jorge Santayana, quem não se lembra do passado está condenado a repeti-lo. Mas são sobretudo as ameaças do presente que nos convocam à união.

A esta apreensão, devo dizer, soma-se o fato de que nós que aqui chegamos, criminalistas ou criminólogos que somos, advogados, professores, pesquisadores, no meu caso, também magistrado, como todos aqueles que militam no criminal, aprendemos a ser como pássaros que pressentem a tempestade antes que as nuvens escureçam o céu. Já faz tempo, individual ou coletivamente, que vimos alertando para os perigos da expansão incontornável do sistema penal e o crescimento severo do punitivismo que resultaria, como de fato resultou, em um hiper-encarceramento, que mutila e tritura os mais vulneráveis.

Não faltaram alertas sobre os perigos da flexibilização dos direitos e o esvaziamento da própria noção de processo como garantia. E, como se ainda

fosse pouco, a frequente criminalização da advocacia, advocacia esta indispensável não apenas à administração da Justiça, mas à concretização da democracia em si.

Permanecemos atentos ao fato de que a compressão da liberdade pavimenta as mais lúgubres estradas, e que o sono da razão produz monstros, como nos ensinou Goya. A convivência com as legislações de emergência -e, infelizmente, me cabe dizer- também com as jurisprudências do pânico, não haveria de fazer a democracia se fortalecer, se não propiciar um contínuo penetrar de sentimentos autoritários. Que só se fazem crescer.

Estamos juntos na luta pela Defesa do Estado Democrático de Direito e seus princípios fundamentais e alinhados para a colaboração, por todos os meios admissíveis, na manutenção e no aperfeiçoamento da ordem jurídica e democrática. Prontos, enfim, para compartilharmos as trincheiras pela igualdade racial, a preservação das garantias individuais e coletivas em direitos humanos e sociais, como dispõem expressamente os Estatutos desta Casa.

Sabemos do conhecido lastro cultural do IAB e da capacidade de formulação de um pensamento ao mesmo tempo técnico e crítico. E estamos cientes da importância de produzi-lo, porque também no direito, o desapareço à ciência tem habitualmente resultados drásticos -sobretudo na amputação de limites ao poder punitivo.

A resposta que demos ao gentil convite da nossa madrinha, Marcia Dinis, foi a de que estávamos à disposição para ajudar; as palavras que agregamos hoje a esta cerimônia, como não poderiam deixar de ser, são de profundo agradecimento. Mas a partir de amanhã -e amanhã mesmo, quando estaremos acompanhando de perto os passos da “Criminologia na Casa de Montezuma”, nos apresentamos para contribuir.

Que possamos ajudar a pavimentar caminhos para a democracia. E a todos os confrades e confreiras que nos recebem com uma acolhida carinhosa, e que nos propiciam essa benfazeja sensação de pertencimento, esperamos estar à altura das tradições mais do que centenárias deste Instituto.

Em nome de meus colegas Caio Dumans, Caio Patrício de Almeida, Ellen Cristina Carmo Rodrigues, Mariana de Assis Brasil e Weigert, Rafael Caetano Borges, Rafael Fagundes Pinto, Ricardo Tadeu Penitente Genelhú é que digo PRESENTE ao chamamento do IAB.

É com enorme prazer que ingressamos na casa de Montezuma.